



AO VOLANTE DO «PAI DO COBRA»

Se não estiver ocupado com o bom funcionamento do Serviço de Nefrologia e Transplantação Renal do Centro Hospitalar Lisboa Norte/Hospital de Santa Maria, que dirige, é provável que o Dr. António Gomes da Costa esteja a folhear revistas de carros antigos, ou a conduzi-los. A sua relíquia é um britânico AC Ace, o carro que deu origem ao AC Cobra – a lenda do asfalto que, em 1965, venceu o Campeonato Internacional para Construtores de GT, superando a então toda-poderosa Ferrari, no âmbito do *World Sportscar Championship* que a FIA (Federation Internationale de l'Automobile) organizou entre 1953 e 1992.

Rui Alexandre Coelho

Há nove anos que António Gomes da Costa rouba as atenções ao volante do seu AC Ace vermelho, um *roadster* que a marca britânica AC Cars fabricou entre 1953 e 1963. Mas, se ter este carro é bom, a história da sua compra é ainda melhor. Atualmente com 69 anos, o nefrologista era ainda um adolescente de 16 quando se apaixonou irremediavelmente por este carro, num contexto que corrobora a tese de o amor ser «cego». Aconteceu numa oficina: apesar de o ter visto parcialmente desmontado, achou que aquele «era o carro mais espantoso que existia», conta-nos Gomes da Costa, na divisão da sua casa que considera ser o seu «refúgio».

O tempo voou. António Gomes da Costa formou-se em Medicina, apanhou «o primeiro comboio» da Nefrologia em Portugal, teve três filhos, trabalhou muito e, chegado a 1988, começou a sua «história de amor» com o AC Ace vermelho. Numa viagem para os EUA, fez escala num aeroporto inglês. Para ocupar o tempo, dirigiu-se a uma banca de revistas e, na capa de uma delas, viu a fotografia de um AC Ace. Encantado, comprou essa revista. Alguns anos depois, viu na internet o anúncio de um carro semelhante ao que atualmente tem. «E se o comprássemos?», perguntou à esposa, que rejeitou à primeira abordagem, acabando por ceder à segunda. «A minha mulher lá achou que, depois de tantos anos de trabalho, eu já teria direito a alguns prazeres na vida [risos].»

Contudo, quando Gomes da Costa enviou um *e-mail* ao proprietário do carro, um comerciante inglês, já era demasiado tarde: tinha sido vendido. Ainda assim, o nefrologista manteve contacto com aquele comerciante e, após vários negócios falhados, recebeu um *e-mail* com a resposta mais esperada: «Dizia que tinha para venda um AC Ace em Inglaterra, com o volante à direita, mas com *kit* de transformação para o lado esquerdo. Comprámo-lo.» Corria o ano de 2009 e este médico português passou a conduzir um dos 360 modelos Ace fabricados pela AC Cars. E o carro que comprou não era «apenas» um AC Ace – era exatamente aquele que tinha visto na capa de uma revista duas décadas antes, num aeroporto inglês. A matrícula não enganava. «Foi o destino!»

TODOS O ADMIRAM, POUCOS O CONHECEM

António Gomes da Costa nutre um certo magnetismo por carros antigos porque é filho do tempo em que se valorizavam os bens para lá da sua utilidade funcional. «A situação económica do país era bem diferente. O meu pai era professor catedrático e só teve carro depois dos 50 anos...», exemplifica. Além dessa «nostalgia da infância», o nefrologista justifica a origem da sua paixão por carros de coleção com o *design* dos mesmos. «Os carros são obras de engenharia e peças muito bonitas. Eu acho que o meu carro é o mais bonito do mundo [risos].»

Por oposição aos modelos atuais, Gomes da Costa considera que os carros antigos, mesmo os mais convencionais, «têm personalidade». Claro que o seu AC Ace tem uma personalidade muito própria. Além de fazer parte de uma pequena produção artesanal e de ter uns respeitáveis 61 anos, está equipado com um chassi desenhado por um engenheiro de origem portuguesa, John Tojeiro. Entre outras criações, este filho de pai português e mãe britânica, foi responsável pelo desenho inicial do AC Ace, que deu origem ao AC Cobra – a lenda do asfalto que, em 1965, superou a então toda-poderosa Ferrari e vencer o Campeonato Internacional para Construtores de GT, no âmbito do *World Sportscar Championship* que a FIA (Federation Internationale de l'Automobile) organizou entre 1953 e 1992. «Ninguém conhece o AC Ace, mas é o carro que deu origem ao AC Cobra, é o seu pai», explica o nefrologista.

Apesar de não conhecerem este modelo, muitos são os curiosos que, vendo o carro de António Gomes da Costa, não resistem a abordar o dono para tirarem fotografias. «Os mais fanáticos são os orientais e as crianças, no geral.» Quem também adora este AC Ace são os netos do nefrologista. «O carro não é meu. Sou apenas o seu guardião até à próxima geração. A segunda, dos meus três filhos, já discute sobre quem vai ficar com ele e o mesmo acontece com a terceira geração, a dos meus netos, que são nove. Todos eles já dizem: “Este carro é para mim!”»

António Gomes da Costa só sai com o seu AC Ace ao fim de semana. O alcatrão que mais percorre é o das estradas do Guincho e de Sintra, mas já se aventurou até à Foz do Arelho e outras paragens. A viagem mais longa foi às Aldeias Históricas de Portugal, na região das Beiras. Ao todo, percorreu 2 000 quilómetros. Mas há toda uma logística que é preciso organizar antes de se fazer à estrada. Desde logo, atender às condições meteorológicas, pois, se chover, entre outros problemas, a água entra, mesmo com a capota colocada.

Conduzir este AC Ace é uma experiência que tem dado «muito prazer» ao seu dono desde há oito anos. Como tem suspensão independente às quatro rodas, «apresenta uma estabilidade enorme nas curvas», afirma Gomes da Costa, que acrescenta outros elogios: «Quando se diz que um carro vira com o volante, neste caso, vira mesmo. Tem uma aderência muito grande e, numa estrada de curvas, é muito divertido guiá-lo. Habitualmente, faço os percursos à mesma velocidade nas retas e nas curvas.»



À LUPA: Origem: britânica; Ano: 1956; Marca: AC Cars; Modelo: AC Ace; Estilo: roadster de duas portas; Motor: 2.0L, de seis cilindros em linha; Velocidades: quatro e marcha-atrás; Consumo médio: 12 litros aos 100 km; Capota: em lona e amovível; Carroçaria: em alumínio; Chassi: em ferro.

Um ano depois de comprar o AC Ace, o nefrologista adquiriu outro carro antigo, que «está finalmente na oficina a ser reabilitado». É um Aceca, outro modelo da AC Cars, cuja cor ficará entre o cinzento muito escuro e o azul metálico muito escuro. «Este tem capota rígida, que faz parte da estrutura. Vou ficar velho e preciso de um carro fechado», diz, em tom brincalhão, o nosso entrevistado. «E depois, haverá dois sem três?», perguntamos. A resposta sai pronta: «Depois, tenho de olhar para a conta bancária e ter bom senso. Além disso, se comprasse outro carro, ficaria sem espaço na garagem. Mas gostava de ter um AC 3000 ME ou um Jaguar E-type, que seria a loucura total. Ou então voltar a ter um Renault 4L, que foi o meu primeiro carro, um jipe portátil, muito leve, que vai a qualquer parte. É o segundo melhor carro do mundo [risos].»

VIVER «O MELHOR DE DOIS MUNDOS» NA MEDICINA

Grande parte do que hoje sabe, enquanto médico, António Gomes da Costa aprendeu no Hospital de Santa Maria (HSM). Depois de se formar na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, em 1972, integrou o primeiro Internato de Nefrologia deste hospital, passando a constar na primeira geração de nefrologistas do país e tornando-se especialista em 1978. Entre 1980 e 1998, foi nefrologista com funções de chefia na Unidade de Transplantação Renal do Hospital da Cruz Vermelha, em Lisboa. Seguiram-se três anos (entre 1998 e 2001) na direção do Serviço de Nefrologia do Hospital Prof. Doutor Fernando Fonseca, na Amadora, aquando da abertura desta unidade hospitalar. Depois, fixou-se no HSM, onde chegou a chefe do Serviço de Nefrologia e Transplantação Renal em 1998. Dez anos depois, ascendeu a diretor, cargo que mantém.

Com uma carreira plena, o nefrologista afirma que usufruiu do «melhor de dois mundos»: por um lado, aprendeu a «pensar a Medicina com grandes mestres, como o Prof. Ducla Soares ou o Prof. Nogueira da Costa»; por outro lado, assistiu às grandes mudanças da Medicina, o que considera «um privilégio da idade». ▀



No seu «refúgio», António Gomes da Costa tem muita literatura sobre automóveis antigos